



casa da música

04 JAN | 2013

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

CONCERTO DE ANO NOVO

21:00 SALA SUGGIA

Pedro Neves *direcção musical*

1ª Parte

Johann Strauss II

Abertura de *O Morcego* [1874; C.9MIN.]

Francisco Santos Pinto

Valsa [1844; C.5MIN.]

Luigi Cherubini

Abertura de *L'Hôtellerie portugaise* [1798; C.8MIN.]

Johann Strauss II

Tritsch-Tratsch Polka, op.214 [1858; C.3MIN.]

Johann Strauss II

Perpetuum Mobile, op.257 [1861; C.3MIN.]

2ª Parte

Gioachino Rossini

Abertura de *L'italiana in Algeri* [1813; C.9MIN.]

Augusto Machado

Valsa Hespanhoes [1869; C.5MIN.]

Johann Strauss II

Pizzicato Polka [1869; C.3MIN.]

Giuseppe Verdi/Nino Rota

Grande Valsa (de *Il Gattopardo*)

[SÉC.XIX, ARR.1963; C.3MIN.]

Johann Strauss II

No Belo Danúbio Azul [1866; C.9MIN.]

Pedro Neves *direcção musical*

Pedro Neves é maestro titular da Orquestra do Algarve e da Orquestra Clássica de Espinho. A sua personalidade artística é marcada pela profundidade, coerência e seriedade da interpretação musical. Actualmente é doutorando na Universidade de Évora, sendo o seu objecto de estudo as seis sinfonias de Joly Braga Santos.

Pedro Neves é convidado regularmente para dirigir a Orquestra Gulbenkian, Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Filarmónica das Beiras, Orquestra Joensuu City (Finlândia), entre outras. No âmbito da música contemporânea tem colaborado com o Sond'arte Electric Ensemble, com o qual realizou estreias de vários compositores portugueses e estrangeiros. Desta colaboração destacam-se digressões ao Japão e à Coreia do Sul. Em Dezembro de 2012 colaborou com o Remix Ensemble Casa da Música. É fundador da Camerata Alma Mater, que se dedica à interpretação de repertório para orquestra de cordas.

Pedro Neves iniciou os estudos musicais na sua terra natal, na Sociedade Musical 12 de Abril, com a qual mantém uma ligação até aos dias de hoje. Estudou violoncelo com Isabel Boiça, Paulo Gaio Lima e Marçal Cervera, respectivamente no Conservatório de Música de Aveiro, Academia Nacional Superior de Orquestra em Lisboa e Escuela de Música Juan Pedro Carrero em Barcelona. No que diz respeito à direcção de orquestra estudou com Jean Marc Burfin, Emilio Pomàrico e Michael Zilm.

Para 2013 tem agendados compromissos com as mais importantes orquestras portuguesas.

Notas ao programa disponíveis em www.casadamusica.com, na página do concerto ou no separador DOWNLOADS.

ITÁLIA 2013

MECENAS PROGRAMAS DE SALA

mads PORTO PALÁCIO
CONGRESS HOTEL & SPA
CONSULTORES DE SEGURANÇA

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

redefinimos / standards

MECENAS CASA DA MÚSICA

SONAE

APOIO INSTITUCIONAL

GOVERNO DE PORTUGAL
SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

BPI

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA Christoph König *maestro titular*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Olari Elts, Michail Jurowski, Andris Nelsons, Vassily Petrenko, Emilio Pomàrico, Jeremie Rohrer, Peter Rundel, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Gilbert Varga, Antoni Wit ou Takuo Yuasa. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Midori, Viviane Hagner, Natalia Gutman, Truls Mørk, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Ana Bela Chaves, Felicity Lott, Christian Lindberg, António Meneses, Simon Trpceski, Sequeira Costa, Jean-Efflam Bavouzet, Lise de la Salle, Cyprien Katsaris ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg e Pascal Dusapin.

A Orquestra tem vindo a incrementar as atuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão e no Brasil, e é regularmente convidada a tocar em Santiago de Compostela e no Auditório Gulbenkian. Para além da apresentação regular do repertório sinfónico, a orquestra demonstra a sua

versatilidade com abordagens aos universos do jazz, fado ou hip-hop, ao acompanhamento de projecção de filmes e aos concertos comentados, bem como a diversas acções educativas, incluindo o projecto “A Orquestra vai à escola”, workshops de composição para jovens compositores e a masterclasses de direcção com o maestro Jorma Panula.

A interpretação da integral das sinfonias de Mahler marcou as temporadas de 2010 e 2011. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines”, gravado com Mário Laginha e Maria João com David Linx e Diederik Wissels, ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2012, a Orquestra fez várias estreias mundiais, entre as quais se destaca o Concerto para dois pianos de Bruno Mantovani, que apresentou no Porto e no Festival Musica de Estrasburgo.

Em 2013 a Orquestra será dirigida pela primeira vez por maestros como Lothar Zagrosek, Jonathan Stockhammer e Kees Bakels e realizará uma digressão em Espanha com passagem por Madrid e Valladolid, no ano em que são editados os concertos para piano de Lopes-Graça pela editora Naxos.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

Xuan Du*
Radu Ungureanu
Zoltan Santa
Maria Kagan
Ianina Khmelik
Evandra Gonçalves
Arlindo Silva
Tünde Hadady
Vladimir Grinman
Andras Burai
Emília Vanguelova
Alan Guimarães

Violino II

Jossif Grinman
Nancy Frederick
Lilit Davtyan
Francisco P. de Sousa
Mariana Costa
José Paulo Jesus
José Sentieiro
Paul Almond
Germano Santos
Domingos Lopes

Viola

Anna Gonera
Hazel Veitch
Biliana Chamlieva
Mateusz Stasto
Jean Loup Lecomte
Luís Norberto Silva
Emília Alves
Theo Ellegiers

Violoncelo

Feodor Kolpachnikov
Bruno Cardoso
Michal Kiska
Hrant Yerosyan
Américo Martins*
Vanessa Pires*
Miguel Fernandes*

Contrabaixo

Slawomir Marzec
Nadia Choi
Jean-Marc Faucher
Altino Carvalho
Joel Azevedo
Angel Luis Martinez*

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Jean-Michel Garetti

Clarinete

Carlos Alves
António Rosa

Fagote

Gavin Hill
Pedro Silva

Trompa

Bohdan Sebestik
José Bernardo Silva
Rodrigo Carreira*
Pedro Fernandes*
Flávio Barbosa*

Trompete

Sérgio Pacheco
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Bruno Costa

Percussão

Paulo Oliveira
Nuno Simões

Harpa

Ilaria Vivan

*instrumentistas
convidados

Johann Strauss II

ST. ULRICH, 25 DE OUTUBRO DE 1825

VIENA, 3 DE JUNHO DE 1899

Johann Strauss desde cedo revelou uma grande paixão pela música. O seu pai, Johann Strauss I, também compositor, nunca foi favorável ao facto de o seu filho estudar música, preferindo que seguisse uma carreira ligada ao sector bancário. No entanto, movido pelo seu interesse na música, Strauss II estudou às escondidas com um violinista amigo de seu pai. Quando Strauss I trocou a sua família por uma amante, o filho pôde assumir definitivamente o gosto pela música e prosseguir os seus estudos de violino, mas também de contraponto e harmonia.

O início da sua carreira como compositor não foi, no entanto, pacífico, causando grande irritação ao seu pai, em particular porque Strauss II queria apresentar algumas obras de sua autoria no casino Dommayer, onde Strauss I tinha sido amplamente aclamado. O jovem compositor não se deixou abalar pela pressão do seu pai e de alguns dos seus defensores, e estreou-se naquela sala em 1844, conquistando lentamente a crítica. Na sequência da morte do pai, em 1849, Strauss II fundiu as orquestras, concentrando-se numa brilhante carreira que incluiu várias tournées regulares, destacando-se em particular os concertos anuais em S. Petersburgo, desde 1855 a 1865, e, já nos anos 70, a apresentação pública das suas obras nos Estados Unidos da América, onde obtiveram grande visibilidade. Ainda nos 70, em Viena, Strauss II, amplamente reconhecido como o “rei da valsa”, dedicou-se também à opereta, inicialmente com pouco sucesso.

Foi em 1874 que estreou *Die Fledermaus* (**O Morcego**). A opereta, que tem lugar num baile de celebração de passagem de ano, envolve vários personagens mascarados, enganos, histórias cruzadas, prisão etc. Na abertura, que inicia e termina da mesma forma, são apresentados os vários ambientes e motivos temáticos que são depois utilizados ao longo da opereta, sendo que a valsa apresentada se tornou no elemento mais popular.

O *Perpetuum mobile* encontra-se entre as obras mais populares de Johann Strauss II, tendo sido apresentada a 4 de Abril de 1861 num subúrbio de Viena. Consta que a sua inspiração terá vindo das celebrações de Carnaval, nas quais Strauss II e o seu irmão Josef Strauss propunham uma noite de dança sem paragens, um *perpetuum mobile*. A obra enfatiza, na vivacidade do seu tema, um ambiente festivo no qual o humor tem um papel central, em particular por colocar em evidência uma crítica do compositor ao excesso de papéis solísticos e virtuosísticos dos músicos de orquestra do seu tempo. Outro dos aspectos interessantes da obra é o modo como se termina algo que representa o movimento contínuo, sendo que Strauss II escolheu um “fine ad lib”.

Strauss II dedicou-se a outros géneros de dança que não a valsa. A *Tritsch-Tratsch Polka*, composta em 1858, é uma ilustração musical do hábito vienense de espalhar boatos e rumores, como é notado pelo diálogo vivo entre os vários instrumentos. O elemento humorístico nas suas

obras pode também ser denotado na *Pizzicato Polka*, composta em 1869, em conjunto com o seu irmão **Josef Strauss** (1827-1870).

De entre todas as suas obras, a valsa *An der schönen blauen Donau* op.314, mais popularizada como **Danúbio Azul**, composta em 1866, tornou-se incontornável no repertório das orquestras e das mais conhecidas do grande público, afirmando-se como um hino da noite de Ano Novo. A mestria do compositor é patente na orquestração e tratamento temático, que confluem numa coda final com ligeiras variações ao tema principal associado à obra.

Francisco Santos Pinto

LISBOA, 6 DE JUNHO DE 1815

LISBOA, 30 DE JANEIRO DE 1860

Francisco António Norberto dos Santos Pinto foi uma importante figura no panorama musical português do séc. XIX, afirmando-se como compositor e trompista, apesar de tocar também violino. Cedo iniciou os estudos de música em violino e trompa, tendo integrado como trompista a Banda da Real Cavalaria quando era ainda um adolescente de 15 anos. O seu talento e afinco profissional conduziram-no por importantes agrupamentos musicais, destacando-se o lugar de primeiro corneta na Banda da Guarda Real da Polícia, músico na orquestra do Real Teatro de São Carlos e clarim da Orquestra Real da Câmara. Em 1857 foi nomeado maestro director do Real Teatro de São Carlos, cargo que ocupou durante um curto período. No entanto, paralelamente à actividade como músico, afirmou-se no meio musical, sendo praticamente o compositor oficial do Teatro D. Maria após a sua inauguração, assim como uma figura incontornável da vida musical lisboeta ao estar ligado, como fundador, à Academia Melpomenense, fundada em 1845, e à Associação Música 24 de Junho.

Como compositor, tem uma obra de grande valor e destaque, profundamente marcada pela linguagem e estética italiana então em voga e amplamente difundida e replicada em Portugal, sobretudo inspirada em figuras como Verdi e Donizetti. Estes traços, ainda que bastante presentes na sua concepção vocal e instrumental, não obscurecem a sua capacidade criativa e inventividade na condução temática. A sua produção musical é abrangente, contemplando desde a ópera à música sacra, música sinfónica (dedicou a Liszt, aquando da sua passagem por Lisboa, uma obra sinfónica), música para piano (valsas), representativa do estilo de salão oitocentista, entre outras. A *Valsa* apresentada é, por isso, um marco evidente de um compositor lisboeta em consonância com as diversas práticas musicais e estéticas em voga, contemplando a sensibilidade romântica ao ambiente elegante dos salões frequentados pela alta burguesia.

Augusto Machado

LISBOA, 27 DE DEZEMBRO DE 1845

LISBOA, 26 DE MARÇO DE 1924

Nascido 30 anos depois de Francisco Santos Pinto, Augusto Machado pertenceu a uma nova geração de compositores. No seu caso específico, aprofundou os estudos musicais em Paris em 1867, tendo regressado já nos anos 70 à mesma cidade para contactar com novas correntes e procedimentos de composição. O predomínio da estética de influência italiana, do qual Machado procurava distanciar-se, conduziu-o a uma aproximação interessada por alguns compositores franceses, privando inclusive com Jules Massenet e Camille Saint-Saëns. Apesar do interesse pela música francesa, denota-se um regresso do compositor ao estilo italiano, considerável na sua obra, em particular nas óperas e operetas. Foi também director e docente do Conservatório Nacional de Lisboa, tendo desempenhado ainda outros cargos directivos, como o de co-administrador do Real Teatro de São Carlos.

A obra em programa é uma valsa cujo manuscrito se encontra na Biblioteca Nacional, instituição a quem foi recentemente doado o espólio do compositor. Composta em Dezembro de 1869, ano da abolição da escravatura nos territórios portugueses, evidencia um gosto pelo ambiente de salão e uma escrita instrumental de grande clareza. A utilização dos contrastes dinâmicos e da concepção instrumental, aliada aos motivos inspirados em temas populares, marcam esta valsa arrojada.

Luigi Cherubini

FLORENÇA, 8 OU 14 DE SETEMBRO DE 1760

PARIS, 15 DE MARÇO DE 1842

Luigi Cherubini foi considerado um menino-prodígio por vários dos seus professores. O seu imenso talento para a música e facilidade em compor estenderam a passadeira a uma carreira sólida, afirmando-se como um dos grandes compositores do seu tempo.

Iniciou a formação musical com o pai, aprofundando depois os conhecimentos em harmonia e contraponto. Aos 13 anos tinha já composto algumas obras de carácter religioso e revelado a sua aptidão como compositor. Foi em Bolonha e em Milão que aperfeiçoou o seu trabalho, na sequência de uma bolsa de estudo atribuída para o efeito. Também ali teve contacto com as obras de compositores que o influenciariam, nomeadamente Traetta, Jommelli e Sacchini, enformando algumas das suas opções estéticas nas óperas sérias e cómicas que compôs. Com 25 anos viajou até Londres onde apresentou algumas óperas no *King's Theater* e, posteriormente, a Paris, onde é apresentado à elite cultural e aristocrática. Giovanni Battista Viotti apadrinhou a sua estadia na cidade, chegando a apresentar Cherubini a Marie Antoinette. Rapidamente surgiram as primeiras encomendas e a possibilidade de ficar definitivamente em Paris, sendo também iniciado na maçonaria através do Grande Oriente de França. Cherubini alcançou um grande estatuto na so-

cidade parisiense, ocupando a partir de 1822 o cargo de director do conservatório daquela cidade.

A obra em programa é uma abertura da ópera em um acto intitulada *L'Hôtellerie portugaise*, com libreto, em francês, da autoria de Étienne Aignan, composta em 1798 e estreada nesse mesmo ano no *Théâtre Feydeau*, sala de espectáculos também a ele associada. A abertura ilustra bem a capacidade inventiva do compositor, quer na escolha dos materiais musicais, quer nas texturas instrumentais, iniciando com um *Larghetto* de grande destaque para as cordas, ao qual se segue um *Allegro Spiritoso* bastante vivo.

Gioachino Rossini

PESARO, 29 DE FEVEREIRO DE 1792

PARIS, 13 DE NOVEMBRO DE 1868

Para além de Cherubini, outro compositor italiano de grande destaque em Paris foi Gioachino Rossini. Oriundo de uma família de músicos, cedo revelou o seu talento e potencial musical. A sua produção como compositor foi particularmente prolífera, abarcando 39 óperas, música sacra, vocal e instrumental, entre outras. A sua carreira internacional permitiu-lhe viajar pelos principais centros de produção musical da Europa, desde Viena, onde conheceu Beethoven em 1822, a Londres e Paris. Foi na capital francesa que Rossini se estabeleceu inicialmente como director do *Théâtre des Italiens*, onde apresentou algumas das suas principais óperas, e posteriormente com outros cargos que cedo lhe ofereceram uma situação financeira estável. A ópera *L'italiana in Algeri* foi composta em 1813, quando Rossini ainda se encontrava radicado em Itália, e estreada a 22 de Maio desse ano no Teatro San Benedetto, em Veneza. A abertura da ópera inicia com uma secção de pizzicato nas cordas com a qual contrasta uma parte com instrumentação arrojada, viva e intensa, que evidencia o estilo muito característico de Rossini, provocando um certo efeito de surpresa no ouvinte.

Giuseppe Verdi

RONCOLE, 10 DE OUTUBRO DE 1813

MILÃO, 27 DE JANEIRO DE 1901

Nino Rota

MILÃO, 3 DE DEZEMBRO DE 1911

ROMA, 10 DE ABRIL DE 1979

No leque de grandes compositores italianos com intensa produção operática, encontramos Giuseppe Verdi, figura que nasceu no ano de estreia da ópera *L'italiana in Algeri* de Rossini, e que se assumiria como uma das mais importantes personalidades musicais italianas do séc. XIX. Ainda que tenham sido as suas óperas a alcançar maior visibilidade, Verdi destacou-se igualmente noutros géneros musicais, como a música sacra, canções, entre outros. A obra em programa tem a peculiaridade de ter sido escrita para piano, embora nunca tenha sido publicada. Consta que a Valsa foi composta como modo de homenagear a Condessa Clara Maffei, uma das visitas habituais da casa do compositor, conjuntamente com outras figuras de destaque do meio intelectual e cultural milanês. A obra voltou a ver a luz do dia em 1963, quando o compositor Nino Rota, uma dos grandes compositores de música para cinema, fez um arranjo para orquestra. Rota inclui a grande Valsa no filme *Il Gattopardo*, de Luchino Visconti, tornando-se uma das mais fascinantes valsas associadas ao mundo cinematográfico. Apesar da simplicidade das ideias musicais, que têm conduzido alguns historiadores a apontarem para uma obra de juventude, os temas frescos e um certo intimismo elegante foram alguns dos elementos que Rota procurou manter na transição do piano para a orquestra.

PEDRO RUSSO MOREIRA